



“SALÃO DOS HUMORISTAS - UM SORRISO COM 100 ANOS”

Conferência apresentada por António Valdemar (Jornalista e Olisipógrafo)* – Recensão Crítica, por Maura Pessoa.

Mal iniciara a projeção de slides, António Valdemar (AV), fez questão de salientar que «toda esta conferência não teria sido possível, sem a preciosa colaboração de seu filho». Com efeito Álvaro Carrilho enriqueceu da melhor forma, esta comunicação apresentando um PowerPoint, com imagens figurativas da exposição, da época, da parte política da República e contra a República e alguns episódios do período das três ditaduras.

Para contextualizar o ano de 1912, AV recordou o período da vitória e a consolidação da República na sua constituição e no seu primeiro presidente, mencionando ainda o período imediato, o da contestação da mesma, em que republicanos se encontravam divididos e monárquicos unidos.

Grémio Literário 1912, inaugurado pelo presidente Manuel de Arriaga, o I Salão dos Humoristas, com grande projeção na imprensa da época, registou a transição entre a “velha” e a “nova” caricatura e marcou o início da Modernidade em Portugal, «isto tudo foi realizado em memória de Rafael Bordalo Pinheiro, génio da caricatura, e tem os seus discípulos, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, Francisco Valença, Canto da Maia, Almada Negreiros, Joaquim Guerreiro, André Brun, Alfredo Cândido, entre muitos outros. É o grupo de Bordalo, são os seus discípulos a começar pelo seu próprio filho», sintetizou AV, sem deixar de diferenciar os trabalhos de Christiano Cruz perante a retórica da época. «Manuel Cardoso Martha é o Comissário do I Salão e do II Salão.

Na sede da revista *A Sátira* de Joaquim Guerreiro, decorreram as reuniões que estiveram na origem da constituição da Sociedade dos Humoristas Portugueses. A sua primeira grande iniciativa foi a organização do I Salão dos Humoristas Portugueses, «A Sátira foi uma tertúlia na Casa Cena debaixo do escritório Abel de Andrade/Abílio Babosa Duarte Cruz, na Rua Nova do Almada e lá em cima nas águas furtadas era a residência do Joaquim Meira e Sousa do jornal *O País*.»

* Conferência apresentada na Biblioteca-Museu República e Resistência – Espaço Cidade Universitária (a 16 de Maio de 2012) no âmbito das **Comemorações do 1º. Centenário dos Humoristas Portugueses (1912 / 2012)**.

AV chamou a atenção para o seguinte. «Enquanto decorre o I Salão, com grande projeção na imprensa da época, acontece também uma exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes, que ainda não tinha inaugurado na atual sede. Ela já existia desde 1900 mas estava ainda instalada na Barata Salgueiro.».

«A partir daqui trava-se a primeira polémica no Modernismo. É uma polémica rija entre Christiano Cruz e Alberto de Souza, o grande aquarelista, cartoonista da primeira página do Jornal *O Mundo*. Pela primeira vez surge a expressão “botas-de-elástico”, extensível a todos os artistas envolvidos no Naturalismo e no Grupo do Leão e depois se constituem na Sociedade Silva Porto e que se vai prolongar até 1857 de forma mais ou menos pacífica e que se extingue pouco antes do 25 de Abril», referiu AV.

A figura emblemática que se segue é Leal da Câmara, exilado político, é o grande ausente da exposição de 1912, ele teve um conflito com Joaquim Guerreiro e em consequência deste conflito não comparece no I Salão dos Humoristas, mas já está no ano seguinte, no II Salão.

«O II Salão de 1913, também realizado no Grémio Literário, distingue-se por algumas singularidades, para além de Leal da Câmara. Aqui colabora apenas a parte “jovem”. Aparece uma mulher, Milly Possoz, nasce em Portugal e ilustrava particularmente gatos. A parte tradicional não aparece na exposição e a República continua a ser contestada», recordou AV.

O *Thalassa* de Alfredo Lamas, não esqueceu o II Salão dos Humoristas, a caricatura está agora a cargo de Jorge Colaço, que foi diretor d’ *O Século Cómico*, exímio desenhador, destacou-se na caricatura, na pintura e no azulejo, aqui com capacidades inovadoras de processos e de técnicas. Mas a caricatura é uma caricatura que poderia ser de Bordalo ou dos discípulos de Bordalo.

O *Papagaio Real*, *Semanário Monarchico* é a revista que já dá um novo grafismo e dando a presença de componentes novos à exposição de 1912, e 1913. Foi seu administrador e editor o Jorge Luiz dos Santos, e a direção coube a Alfredo Lamas e Almada Negreiros com colaborações artísticas de Stuart de Carvalhais e Jorge Barradas, entre outros. «Curiosamente O *Semanário Monarchico* com “ch” sem respeitar a reforma ortográfica de 1911, dois anos depois» arrematou AV.

Av adiantou mais, «por conseguinte, temos *O Thalassa* em 13, *O Papagaio Real* em 14 e *A Revista Orpheu*, editada em Lisboa, apenas teve dois números publicados, correspondentes aos primeiros dois trimestres de 1915». Apesar disso, a revista exerceu uma notável e duradoura influência. A relevância desta revista literária advém de ter, efetivamente, introduzido em Portugal o movimento modernista, associando nesse projeto importantes nomes das letras e das artes, como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada-Negreiros ou Santa-Rita Pintor, que ficaram conhecidos como geração d’Orpheu.

Consecutivamente AV relembrou a Revolta de 14 de Maio de 1915, liderada contra o governo ditatorial do general Pimenta de Castro e o Manifesto Anti-Dantas. O panfleto satírico da autoria de José de Almada Negreiros cujo alvo era Júlio Dantas, «o Manifesto foi mais político do que literário, foi evidentemente aquilo que a república chama de adesivos. Eram os indivíduos que passam imediatamente da Monarquia para a República, como é o caso do Dantas, e o Dantas deu um salto mortal diretamente à Carbonária em vez da Maçonaria, bem e depois também está ligado ao Salazar».

Ano de 1916, o corpo expedicionário português entra na Grande Guerra. É também o ano da grande exposição individual, em Lisboa e Porto, do álbum *12 Reproductions* de Amadeu de Sousa-Cardoso, pintor português que pertence à primeira geração de pintores modernistas portugueses, e «embora fosse caricaturista, ele não quer aparecer como tal», frisou AV, «o que aparece é a grande pintura de Amadeu que abala todas as estruturas. Aqui dá-se o corte frontal com o naturalismo.

No ano seguinte, em 1917, temos a queda do Afonso Costa e Sidónio ocupa o poder. «É aqui no período correspondente à segunda ditadura, que surge, com uma mudança radical de grafismo e ilustração, a *Revista Orpheu II Portugal Futurista*, nome este que é apreendido pela polícia à porta da tipografia», segundo AV, «há uma reedição e o diretor é Carlos Filipe Porfírio, que para Almada era um heterónimo de Santa-Rita».

Na Estação do Rossio, a 14 de Dezembro de 1918 Sidónio foi morto a tiro por José Júlio da Costa, militante republicano. Momento traumático para a Primeira República, instalando-se uma crise permanente que apenas terminou 8 anos depois com a Revolução Nacional de 28 de Maio de 1926 que pôs termo ao regime.

«Segue-se o ano de 1919, que dá lugar a um suplemento humorístico *O Riso da Vitória*, do Jornal A Vitória, dirigido por Hermano Neves. Destacam-se colaborações como o grafismo do Barradas, Stuart e Emmérico Nunes já com uma componente muito germânica». AV mencionou ainda as colaborações de Emmérico no ABC e de Stuart na Contemporânea de José Pacheco.

O III Salão de 1920 situou-se no Teatro de São Carlos, com Emmérico, Stuart, Barradas e António Soares. Este III Salão agrega também espanhóis.

AV conclui sem deixar de parte o Jornal *Os Ridículos*, fundado no tempo da Monarquia Constitucional, *O Diário de Lisboa*, e *O Sempre Fixe* alegando que aquilo que aparecia em pequenas revistas literárias passa agora a dominar os órgãos de comunicação social de grande expansão. Arremata a sua comunicação com o enquadramento da terceira ditadura militar de 1926.

Lisboa, 24 de Maio de 2012.